



BATUÍRA JORNAL

Ano XXV – nº 144 – Abril / Maio / Junho – 2021 – Edição Trimestral



50 anos de dedicação ao próximo



Unidade Assistencial do
GEB completa meio século
iluminando Vila Brasilândia.



Caridade

regra número
um de uma casa
que se ocupa
do corpo e do
espírito.



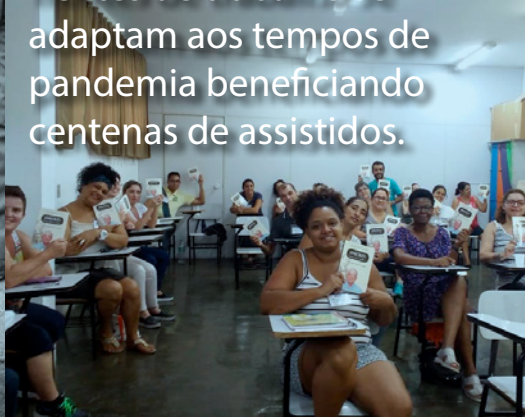
A força do voluntariado:

frentes de trabalho se
adaptam aos tempos de
pandemia beneficiando
centenas de assistidos.



A determinação dos pioneiros

que desbravaram
esse pedacinho da
zona norte.



Iluminando vidas

Comemoramos neste 2021 o cinquentenário da Unidade Assistencial Dona Aninha, em Vila Brasilândia. Sem poder nos encontrarmos presencialmente para um abraço fraterno e de alegria, por questões sanitárias, fizemos uma celebração diferente no dia 24 de abril. Ondas de emoção e de amor navegaram pelo canal web do GEB, em todas as direções e distância, em uma live, a proporcionar à família batuirense uma verdadeira viagem no tempo. As imagens iniciais, em preto e branco, projetadas na tela, denotavam que estávamos no século passado. Névoa e frio dominavam a paisagem naquela manhã de 25 de abril de 1971, na colina descampada de Brasilândia. O sulco aberto em seu solo recebia das mãos de Spartaco Ghilardi a pedra funda-

mental de uma obra de benemerência e de amor, para se materializar nos dias de hoje em nossa Unidade Assistencial Dona Aninha. Há 50 anos somos um verdadeiro farol a emitir um fecho de luz e de amor, de fraternidade e de acolhimento, clarão que continua a proteger e iluminar caminhos e vidas. Não nos tem faltado o suporte da espiritualidade. Muito menos a verdadeira solidariedade dos amigos, associados, frequentadores e voluntários da Casa em nos apoiar integralmente na execução desta tarefa. Batuíra, com sabedoria, afirma: "as pedras vão se encontrando". A obra social em Brasilândia se expandiu. Esta edição do BJ traz um pálido retrato desta saga cinquentenária. O aprendizado real do ensino de Jesus continua sendo exercido

diariamente. Como unidade assistencial combatemos a fome e a miséria. A infância merece acolhimento e cuidados especiais no Centro de Educação Infantil. Os vários cursos profissionalizantes que promovemos aos assistidos representam um novo degrau para alavancar uma profissão digna. Oferecemos, igualmente, o alimento da alma, responsável por fortalecer os vínculos entre as pessoas e seus familiares.

Todo trabalho espírita é exigente e árduo, porque colabora na tarefa da redenção do mundo, iniciada pelo jovem carpinteiro Jesus, filho de Maria e José, que nos ensinou amar o próximo com a si mesmo. Continuamos, com amor, humildade e denodo a exercer o lema de Batuíra: trabalhar servindo, servir trabalhando...!

Lendo O Novo Testamento

Jesus lava os pés dos discípulos

Antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que chegara a sua hora de partir deste mundo para o Pai, tendo amado os seus (próprios), que (estavam) no mundo, amou-os até o fim. Enquanto ocorria a ceia, já tendo o diabo lançado no coração de Judas Iscariotes, (filho) de Simão, para que o entregasse, sabendo que o Pai lhe deu todas (as coisas) nas mãos; e que ele viera de Deus e partia para Deus, levanta-se da ceia, depõe a veste e, tomando um pano (de linho), cingiu-se. Então, jogando água na bacia, começou a lavar os pés dos discípulos e enxugá-los com o pano com o qual estava cingido. Vindo, pois, até Simão Pedro, (esse) lhe diz: Senhor, tu lavas os meus pés? Em resposta, Jesus lhe disse: O que eu te faço agora não sabes, mas

depois saberás estas (coisas). Pedro lhe diz: Jamais lavarás os meus pés, por todo o sempre. Respondeu-lhe Jesus: Se (eu) não te lavar, não tens parte comigo. Simão Pedro lhe diz: Senhor, não somente meus pés, mas também as mãos e a cabeça. Jesus lhe disse: Quem foi banhado, não tem necessidade de lavar senão os pés, já que está inteiramente limpo, e vós estais limpos, mas não todos. Pois sabia quem o entregaria. Por isso disse: Nem todos estais limpos. Assim, depois que lavou os pés deles, tomou a sua veste, e novamente se recostou. Disse-lhes: Sabeis o que vos fiz? Vós me chamais "o Mestre" e "o Senhor", e dizeis bem, pois (eu) sou. Portanto, se eu, (sendo) o Mestre e o Senhor, lavei os vossos pés, também vós deveis lavar os pés uns

dos outros. Pois (eu) vos dei o exemplo para que, assim como eu fiz, façais vós também. Amém, amém, vos digo: O servo não é maior que seu senhor, nem o enviado maior do que aquele que o enviou. Se sabeis essas (coisas), bem-aventurados sois se as fizerdes. Não digo (isso) a respeito de todos vós, pois eu sei quais escolhi, mas para que se cumpra a Escritura: Aquele que come o meu pão levantou contra mim seu calcanhar. Desde agora vos digo, antes de acontecer, para que, quando acontecer, creiais que eu sou. Amém, amém vos digo: Quem recebe aquele que eu envie recebe a mim; e quem recebe a mim, recebe aquele que me enviou.

(Extraído de O Novo Testamento, João, 13, 1-20, tradução de Haroldo Dutra Dias)

Diálogo com os Espíritos

766. A vida social está na natureza?

"Certamente. Deus fez o homem para viver em sociedade. Não lhe deu inutilmente a palavra e todas as outras faculdades necessárias à vida de relação."

767. É contrário à lei da natureza o insulamento absoluto?

"Sem dúvida, pois que por instinto os homens buscam a sociedade e todos devem concorrer para o progresso, auxiliando-se mutuamente."

768. Procurando a sociedade, não faz o homem mais do que obedecer a um sentimento pessoal, ou haverá nesse sentimento algum providencial objetivo de ordem mais geral?

"O homem tem que progredir. Insulado, não lhe é isso possível, por não dispor de todas as faculdades; é-lhe necessário o contato com os outros homens. No insulamento, ele se embrutece e estiola." Homem nenhum possui faculdades completas. Mediante a união social é que elas umas às outras se completam, para lhe assegurarem o bem-estar e o progresso. Por isso é que, precisando uns dos outros, os homens foram feitos para viver em sociedade e não insulados.

(Extraído de *O livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, q. 766 a 768,)

*"Leia Kardec
para entender
Jesus"*

Logo 50 Anos

José Carlos Zaninotti
diretor.comunicacao.rp@geb.org.br

Um fecho de luz a iluminar vidas



O novo símbolo do logotipo da unidade Brasilândia traz a figura de um farol emitindo um fecho de luz e o slogan: Iluminando vidas há 50 anos. Tem o farol, em nossos mares, a função de emitir um fecho de luz que guia a navegação das embarcações na escuridão da noite, protegendo-as contra eventuais obstáculos, os rochedos e as pedras, assegurando ao navegante um velejar seguro.

A inspiração para adotar esse código visual veio da constatação de que a nossa Unidade se encontra no ponto mais alto da Vila Brasilândia. Conta-nos Luiz Mello, diretor da unidade, que o Sr. Spartaco Guilardi sempre se referia a ela como um farol que clareia, ilumina e acolhe toda a Brasilândia e seu entorno. Batuíra, de modo igual, nos ensina, simbolicamente, que as pedras deverão de se juntar. E no Evangelho de Jesus há a lição das pedras do caminho, que são as dificuldades de nossa vida.

Assim nasceu a inspiração de se usar este signo como uma metáfora: a nossa Unidade da Vila Brasilândia, por suas várias atividades, ilumina, com seu fecho de luz, o caminhar das pessoas para uma vida melhor.

Como unidade assistencial, combatemos a fome e a miséria. Fornecemos alimentos e roupas. Alimentos garantem a vida das pessoas e as roupas não só protegem do frio e proporcionam conforto, como dão, igualmente, dignidade ao ser humano ao se apresentar.

Os vários cursos profissionalizantes que promovemos aos assistidos representam um novo degrau para alavancar uma profissão, encaminhando-os para uma ocupação, um emprego, que significa ajudar suas famílias alcançar melhor renda que por vezes é até inexistente.

Proporcionamos, também, o alimento da alma, que fortalece os vínculos entre as pessoas e seus familiares... somos um verdadeiro farol a clarear caminhos, de forma a evitar tropeços nas pedras... com nosso trabalho, há 50 anos procuramos melhorar e iluminar vidas...

A produção visual do novo logotipo é de autoria de José Fernando Andrade, a quem agradecemos de coração. ■

Aniversário

José Carlos Zaninotti
 diretor.comunicacao.rp@geb.org.br

A Brasilândia do início do século XX

A história de Brasilândia começou a florescer na região norte de São Paulo no início do século XX. Na década de 1930, sítios e chácaras de cana de açúcar foram convertidos em lotes residenciais. Brasília Simões, um comerciante da época, liderou o distrito durante a construção da Igreja de Santo Antônio, localizada na Rua Parapuã nº 1903, que substituiu uma antiga capela. Como homenagem, o nome do comerciante foi utilizado na denominação do distrito. "Quis a história, por um processo de metamorfose, que o nome masculino resultasse num nome feminino. Vila Brasilândia passou a ser a identidade do novo bairro", conta Geraldo Ribeiro da Silva, em sua obra GEB – 50 anos de Mais Luz.



O principal loteamento na região se deu em 1946 pela família Bonilha, que era proprietária de uma grande olaria na região. Embora não fossem dotados de qualquer infraestrutura, os terrenos eram adquiridos com grandes facilidades de pagamento, inclusive com a doação de tijolos para estimular a construção das casas.

O bairro também recebeu um grande fluxo de migrantes do nordeste do país, que fugiam da seca em seus estados nas décadas de 50 e 60, além de famílias vindas do interior do estado, em busca de oportunidades de trabalho.

Uma história de amor

Nas primeiras distribuições semestrais realizadas em Perdizes, muitas famílias carentes da zona norte da cidade desciam da colina da Brasilândia para serem acolhidas e atendidas na casinha da rua Caiuby, sede do Grupo Espírita Batuíra, que desde o início de suas atividades já apresentava no DNA de sua certidão de nascimento as palavras caridade e fraternidade.



Assim começa a história de amor que se estabeleceu entre a Brasilândia e o GEB. O encontro de corações se intensificou a partir do final da década de 60. Dona Aninha, o carinhoso apelido de Ana Segundo, acompanhada de Ulisses Martins, à frente de uma equipe de devotos trabalhadores da seara de Jesus, escalaram as ruas estreitas e escorregadias de chão batido do bairro, com o desejo de ajudar os seus habitantes a terem uma condição de vida melhor.

Tudo começou com a distribuição da sopa fraterna. Um velho furgão doado ao GEB transportava os vasilhames com a sopa que era preparada na casinha da rua Caiubi, hoje Unidade Spartaco Ghilardi, para ser servida aos moradores daquela região, conta Douglas Bellini, um dos pioneiros voluntários daquela época e hoje presidente do Conselho de Administração do GEB.

As ruas do bairro ainda não pavi-

mentadas eram um obstáculo adicional. Em períodos chuvosos, não era raro o furgão encalhar. As necessidades daquelas famílias eram tão grandes que, além da sopa e da distribuição semestral, alimentos, roupas, agasalhos, artigos de uso pessoal e do lar foram agregados ao atendimento fraterno.

Lena Suzana Oliva Berezovsky, que foi uma das fundadoras do GEB, revela que participar dos primórdios de trabalho em Vila Brasilândia foi muito gratificante. Chegar lá já era uma aventura, porque, além de longe, não havia avenidas nem ruas asfaltadas. As casas eram feitas de madeira, o local era muito ermo e fazia muito frio naquela época.

Acalentava-se, no íntimo da equipe, o desejo de se criar um posto avançado no bairro para a preparação e a distribuição da sopa, conta Bellini. Em 1970 foi criada uma comissão composta pelos diretores Douglas



Bellini, Ângelo Pagotto, Gino Segundo, Rodolfo Eschembach, Ulisses Martins e o diretor de doutrina Spartaco Ghilardi para viabilizar o projeto de construção do Departamento de Assistencial Social, em Vila Brasilândia, que foi aprovado pela diretoria do GEB.

Em março de 1971 foi realizada a compra do terreno em Vila Brasilândia, sugestão aceita após indicação feita pela comissão especial formada por Saverio Latorre, Douglas ▶

Bellini, Ângelo Pagotto, Hildebrando Vieira, Gino Segundo e Ulisses Martins.

O núcleo assistencial começava a ganhar vida. A pedra fundamental foi lançada no dia 25 de abril de 1971, às 10 horas, data que passou ser o marco histórico em nossa Casa por iniciar a campanha de construção do Complexo Assistencial, hoje Unidade Dona Aninha, em Vila Brasilândia.



Um novo desafio surgia: onde conseguir recursos financeiros para a obra. Nada, no entanto, acontece por acaso. Em 1972, o GEB recebe a doação de um terreno na cidade de Atibaia. Douglas Bellini, junto de Spartaco Ghilardi, de Dr. Reinaldo Busch e do doador foram conhecer o terreno. Ele conta a surpresa agradável que tiveram ao chegar no local: o terreno tinha a dimensão de quatro alqueires. A comercialização dos lotes do terreno da Estância Batuíra, em Atibaia, foi feita com muita discrição, coordenada por uma comissão de marketing formada sob a liderança de Douglas Bellini e contando com o apoio inestimável dos companheiros Claudio Luiz de Florio, Ângelo Pagotto, Adherbal Néspoli, Gilberto Campos, Guilherme Coutinho e Hermegildo Pastori, que gerou renda suficiente para concluir não só a obra em Brasilândia, como também a da sede doutrinária/administrativa da rua Caiubi, em Perdizes.

Não foram poucas as vicissitudes enfrentadas até inaugurar o complexo no final do ano de 1974. Des-

de os entraves burocráticos e legais até os financeiros, que ao longo do tempo foram se acomodando, graças à pertinácia dos dirigentes da época, obstinados que estavam em concluir a obra, contando sempre com o inestimável apoio da espiritualidade.

Nesse meio tempo, no início dos anos 80, novos talentos chegaram ao GEB. Luiz Mello e Ronaldo Lopes são dois deles. Na afirmação de Batuíra, "as pedras iam se encontrando", relata Geraldo Ribeiro, em sua obra citada. Luiz, anos depois, vai ter papel importante na administração da Unidade Assistencial. Ronaldo, na administração da creche e, mais tarde, na presidência da Casa de Batuíra.

As atividades da unidade em Brasilândia se multiplicavam. Em 1982, por sugestão da diretoria executiva do Departamento Assistencial, este foi subdividido em quatro novos setores, para dar maior agilidade no atendimento aos assistidos: assistência social I – cursos, sob a responsabilidade de Elisabeth F. Tófoli; assistência social II – sopa, sob os cuidados de Orlando S. Carvalho; assistência social III – família assistida, sob o comando de Ana Garcia dos Santos Segundo; e assistência social IV – atendimentos diversos, gerenciado por Maria Adelaide Eschembach.

Em 1984, por sugestão de Douglas Bellini, foi criada uma comissão para implantar a creche do GEB. Em 3 de outubro daquele ano, ela foi inaugurada, atendendo apenas duas crianças. No final do ano já eram 40 e já chegamos a 132 crianças, conta sua atual diretora Sonia Lopes, a Chechê. A creche mantém um convênio junto da Prefeitura de São Paulo. Desde a sua inauguração, há 36 anos, o casal Sonia e Ronaldo Lopes a administram, dedicando amor e carinho a esse tra-

balho que é reconhecido por toda a comunidade da região.

A expansão das atividades vai se sucedendo conforme as novas carências se apresentavam. Nos anos 90, um novo setor responsável pelo depósito de medicamentos, sob a liderança de Lena Suzana Oliva Berezovsky é agregado no departamento assistencial.

Em 1989, com o desencarne de D. Aninha, o setor de família assistida passou a ser dirigido por Luiz Mello, que vinha atuando nessa frente de trabalho desde a década anterior. Foi no ano 2000 que ele assumiu a responsabilidade pelo Departamento Assistencial, depois chamado de Núcleo Assistencial e hoje Unidade Assistencial Dona Aninha, em homenagem a sua primeira diretora.



Mello, relembra, com emoção, esse período. "Ao assumir essa tarefa, relata, senti que isto significava e, continua representando, o desafio de administrar uma verdadeira casa de Jesus, um oásis, um farol. Aqui praticamos a caridade em suas diversas áreas de atendimento: assistencial, espiritual, doutrinária e a na educação. Atendemos a máxima 'amar ao próximo como a si mesmo', ensinada por Jesus. E, com alegria, arremata, sigo a sugestão do nosso querido mentor espiritual Batuíra: trabalhar servindo, servir trabalhando..."

50 anos depois, o trabalho prossegue, com a mesma disposição e ritmo de sempre. Enormes desafios foram vencidos para chegar à atu- ▶

al configuração da Unidade Assistencial em Vila Brasilândia.

A mais recente foi obra de ampliação entregue no dia 25 de abril de 2019. Um novo prédio, com três pavimentos, onde os assistidos e os frequentadores terão novas acomodações para as atividades da Casa.

A obra social se expandiu. O aprendizado real do ensino de Jesus continua sendo exercido diariamente. Tem-se a sopa fraterna, hoje transformada em marmitta fraterna, em razão da pandemia do coronavírus, a distribuição semestral, o programa de cestas básicas, a família assistida, o atendimento maternal e à gestante, o centro de educação infantil, os cursos profissionalizantes mais diversos, a padaria, o serviço de orientação jurídico-fraterna, o novo programa Brasa Mais, aprender brincando, são muitas as ações permanentes desenvolvidas na Unidade. Igualmente, o alimento da alma também se faz presente nas práticas da Unidade: a escola de moral

cristã - EEIJ, o curso básico de espiritismo, o centro de orientação, estudo e educação mediúnica - COEEM, os passes, a reunião mediúnica, a palestras públicas, a fluidoterapia, a unidade de terapia intensiva – UTE estão entre as dinâmicas ensinadas pela Doutrina Espírita.

“Brasilândia, você é meu coração, minha vida. Exemplo vivo para todos os espíritas da Caiubi e do GEB,” é a declaração de amor feita por Hermenegildo Antonio Pastori, fundador do GEB e pioneiro nos trabalhos voluntários no bairro. “Agora são 50 anos de existência. Serviu para mim e continua servindo como exemplo vivo de trabalho, solidariedade e fraternidade para todos os necessitados,” complementa.

Quando indagado sobre o seu olhar para os próximos cinquenta anos, o atual diretor da Unidade Luiz Mello, responde: “acredito muito na Espiritualidade, num planejamento maior, isto é, não quero

dizer que “caia do céu”. Novos talentos chegando e aprimoramos a contribuição dos que já chegaram e permanecem conosco. Tudo isto junto colabora com a base sólida que tem sido construída pelas condições doutrinárias oferecidas pela Casa e, também, pela diversidade de tarefas. O Complexo Assistencial cresceu e se desenvolveu, acompanhando o desenvolvimento material e espiritual da região. Muitas melhorias foram realizadas, mas elas não podem parar. Os desafios continuam, portanto, não nos deverá faltar novas oportunidades de trabalho, trabalho e mais trabalho. Douglas Bellini, atual presidente do conselho de administração do GEB, carinhosamente resume assim a unidade da Brasilândia: “é um cantinho de amor, onde se pode viver e praticar o Evangelho de Jesus. Acolhe, instrui, educa e prepara os assistidos para a vida em comunidade. É um verdadeiro tesouro, sempre foi e sempre será.” ■

Ana Garcia Santos Segundo foi por muitos anos diretora do departamento de assistência e promoção social do Grupo Espírita Batuíra, onde se tornou conhecida dos assistidos pelo carinhoso apelido de “Dona Aninha”. Nascida na cidade de São Paulo, no dia 19 de setembro de 1924, foi sempre uma pessoa alegre, amorosa e disposta para ajudar ao próximo em dificuldade.

Casou-se com Gino Segundo que, também, mais tarde, faria parte da diretoria do GEB, no departamento financeiro. O casal teve três filhos: Luiz Carlos, Paulo Roberto e Nauzide.

Ana foi fundadora do GEB. Fez parte da diretoria por nove gestões, ou seja, participou da direção da casa por vinte e cinco anos. Na primeira gestão ocupou o cargo de terceira vogal. Da segunda em diante, desempenhou a função de diretora do departamento de assistência e promoção social.

Com o desencarne do esposo, contraiu segundas núpcias com Savério Latorre, que também havia ficado viúvo de Carmen Galves Latorre. Ana desencarnou na cidade de São Paulo, aos 65 anos de idade, em 21 de novembro de 1989.

Em sua homenagem, a unidade da Vila Brasilândia denomina-se Unidade Assistencial Dona Aninha.



Creche

Simone Queiroz
queirozsimone@hotmail.com

CEI Batuíra



Uma creche com o nome do nosso patrono, onde o ruído alegre das crianças enche a casa de esperança. É assim o espaço tão especial

dedicado aos pequenos cidadãos de Vila Brasilândia, criado há 36 anos. São 110 matriculados recebidos com carinho e profissionalismo pelos funcionários e voluntários.

O Centro de Educação Infantil é uma unidade à parte, mas a sinergia com a estrutura da Dona Aninha é evidente, oferecendo às famílias das crianças acesso a vários serviços da unidade assistencial.



A pandemia, claro, alterou o trabalho da creche, sem interromper, entretanto, o atendimento às crianças. A diretora da unidade, Sonia Lopes, afirma que todos os protocolos sanitários vêm sendo cumpridos:

- Neste momento estamos atendendo presencialmente 35% das crianças, conforme recomendação das autoridades municipais. As demais, em casa, são atendidas remotamente. Além disso, sabendo das dificuldades que muitas famílias vêm enfrentando, o GEB fornece cesta básica

aos pais que solicitam, de modo a auxiliar na alimentação não só das crianças.

Sonia e o marido, Ronaldo Lopes, atual presidente da Grupo Espírita Batuíra, estão ligados à creche antes mesmo de sua fundação, uma vez que participaram, no início de 1984, da comissão encarregada de viabilizar o projeto. Conveniada com a Secretaria Municipal de Educação, o CEI Batuíra é uma referência na região há quase duas gerações.

- Há muita confiança no trabalho da nossa creche. Agora, inclusive, fomos selecionados para abrigar um dos postos de vacinação da UBS Vila Teresinha contra gripe e contra Covid-19. Somos reconhecidos como uma referência de amor e trabalho em Vila Brasilândia e as pessoas podem ter certeza de que somos uma porta que se abre sempre para todos - completa Sonia.

Gratidão sempre

- Como agradeço a Deus por ter colocado o Grupo Espírita Batuíra na minha vida.

A frase é de Edna Rocha dos Santos, 51 anos, e revela como a integração das atividades oferecidas em nossas unidades beneficia os moradores de Vila Brasilândia. Edna veio da Bahia 30 anos atrás e, com ela, três dos quatro filhos: na época, um de quatro, outra de dois e o terceiro de apenas um mês de vida. Vieram encontrar o pai que já morava na Favela da Paz, próximo ao Jardim Guarani.

O marido de Edna estava empregado, mas ganhava pouco e ela não tinha como trabalhar com as crianças tão pequenas. Foi então que conheceu o GEB. Conseguiu matricular os dois filhos mais velhos no CEI Batuíra e entrou para o programa da Família Assistida. Ela chora ao lembrar os tempos difíceis:

- Meus filhos comiam o que vinha do Batuíra. Vestiam-se com as roupas que ganhavam lá. E depois, ainda aceitaram meu terceiro filho na creche para que eu finalmente pudesse arrumar um emprego e melhorar as condições de vida de minha família.



Edna e o neto Pedro, nosso aluno na creche

O tempo passou e Edna engravidou pela quarta vez. Ela precisou deixar a casa onde trabalhava como empregada doméstica, a situação ficou ainda mais difícil, mas, por outro lado, graças aos contatos que estabeleceu na Família Assistida, o marido obteve um novo emprego e aos poucos a situação foi melhorando. A filha do casal, Gisélia, hoje com 30 anos, ainda fez o curso de Panificação oferecido na Unidade Dona Aninha.

E ainda não acabou. Edna, que teve filhos em nossa creche, hoje é avó de um dos nossos aluninhos, Pedro, de quatro anos. Outro neto, Victor Hugo também passou pela CEI Batuíra, e agora já avançou na grade escolar.

- Lá, as pessoas sempre me ouviram, prestaram atenção às minhas necessidades e me tratavam com carinho. Os trabalhadores e voluntários do Grupo Espírita Batuíra me deram a mão e me ajudaram a levantar, por isso sou muito grata a esta casa. ■

Unidade D. Aninha

Simone Queiroz
queirozsimone@hotmail.com

Uma casa de caridade

Sete horas da manhã e os trabalhadores começam a chegar. Lavam as mãos, colocam as toucas na cabeça, fazem uma prece e pensam no menu do dia... arroz e feijão sempre. Legume também. Às vezes macarrão e quase sempre uma proteína.

Eis a rotina mais importante atualmente da Unidade Dona Aninha que, de segunda a sábado, têm um compromisso impagável: aplacar a fome de pelo menos 300 pessoas, que sem a quarentinha preparada em nossa casa não teriam o que comer. Trezentos é o número de embalagens, mas como não são consumidas no local – os assistidos são orientados a levar para casa para não formar aglomeração – cada embalagem eventualmente alimenta mais de uma pessoa.



Cinquenta anos depois da fundação da unidade assistencial em Vila Brasilândia, o Grupo Espírita Batuíra se vê outra vez diante de um desafio muito semelhante ao dos primeiros anos da casa, quando a sopa fraterna era servida ainda na unidade da rua Caiubi, em Perdizes, e posteriormente nas ruas de Brasilândia. A pobreza que deixava a barriga vazia nas décadas de 1960 e 1970 e foi ao longo

dos anos dando lugar a outras necessidades, agora na pandemia, abre um buraco que o poder público não dá conta de preencher.



Esse atendimento tão importante é possível graças às doações feitas ao GEB por associados ou amigos da casa, mas principalmente ao esforço abnegado dos trabalhadores, que apesar da pandemia, não se furtam ao compromisso com o próximo. E, ao lado deles, em várias ocasiões, voluntários compareceram para ajudar. Um, no entanto, é figura constante na cozinha, na organização da fila, nas compras dos ingredientes, na entrega das quentinhas, na conversa carinhosa com os famintos de comida e de atenção: Sidney Gonzalez Júnior, que é diretor-adjunto de Promoção Social e um dos coordenadores do programa Família Assistida.

- No ano passado, precisamos fechar a casa na quinzena que teríamos o atendimento interno da família assistida. Sabemos que a ajuda feita pelo GEB é, para muitas famílias, a única fonte de ajuda, não podíamos cruzar os braços e esperar a pandemia passar. Em conversa com o Luiz Mello, diretor da unidade, decidimos

buscar essa nova forma de servir os alimentos, a diretoria da casa aprovou e partimos para esta nova tarefa – conta ele.

Júnior conta que o primeiro dia foi de muita apreensão:

– Não podíamos promover aglomeração na rua, tínhamos que usar e reforçar o uso de máscaras, não sabíamos quantas pessoas viriam... Pintamos a calçada para orientar o distanciamento entre os que estavam na fila e após uma semana de trabalho já estava tudo mais fácil de ser executado – acrescenta Júnior.



O público normalmente se repete, e a maioria já era conhecida de nós pelos trabalhos da Família Assistida, mas também sempre aparece gente nova, que soube por um ou por outro da comida tão saborosa servida gratuitamente na unidade. Sim, o sabor é muito elogiado pelos assistidos, afinal comida bem feita e temperada com amor não tem como dar errado. Essa corrente do bem que une diferentes pessoas – as que doam mantimentos, comerciantes do Ceasa que reservam ao GEB parte de suas mercadorias, as que preparam a refeição, as que cuidam da organização de tudo isso – é a pura tradução ▶

da caridade, o amor em movimento pelos que mais precisam. E essa força gerada envolve também aqueles que pensam que estão oferecendo, pois, na verdade, quem trabalha e se mobiliza para que tudo saia certo, recebe muito, muito mesmo. Não é, Júnior?

– Agradecemos muito pela oportunidade do trabalho. Nosso envolvimento com a comunidade de Vila Brasilândia já era enorme graças aos programas assistenciais da casa há cinco décadas, porém a pandemia estreitou ainda mais nossos laços. Mesmo fechado, em cumprimento às regras sanitárias, o Batuíra expandiu seu alcance, levamos nossa ajuda a pessoas que nem conheciam a nossa casa, e quando reabrimos, terão oportunidades nas nossas frentes de auxílio, fazendo cursos, etc. Nosso GEB, com a ajuda de todos e do plano espiritual, não se curva às tempestades e enfrenta as adversidades como um grande pronto socorro – emociona-se o diretor-adjunto.

As marmitas que vêm sendo servidas diariamente em Vila Brasilândia são, de alguma forma, a versão atualizada às novas necessidades da nossa Sopa Fraterna, uma tradição no Grupo Espírita Batuíra desde 1966, ou seja, antes de termos a unidade em Vila Brasilândia. As primeiras porções de sopa eram servidas ainda na unidade doutrinária, em Perdizes.

Em 1969, surgiu o projeto de oferecer a sopa em Vila Brasilândia, de onde vinha majoritariamente o público que se deslocava a Perdizes se alimentar. O alimento era preparado na rua Caiubi e transportado em caldeirões colocados

num furgão – tudo doado – até o bairro pobre da zona norte. Dois anos depois, o alimento passou a ser preparado em Vila Brasilândia e nunca mais parou. No começo era só aos sábados e foi avançando para os demais dias da semana.

Rogério Franco, coordenador do trabalho, é voluntário na sopa desde 1991, e traduz a beleza e os benefícios da sopa para todos:

– É como um coração pulsante em Vila Brasilândia, cria uma ligação afetiva dos assistidos com a casa, muitos chegam por causa da sopa, aberta a todo público, e que depois, lá dentro, descobre o leque de oportunidades que a casa oferece. Sugerimos que primeiro receba-se o passe e aí já vamos associando material e espiritual para que a pessoal seja saciada em todas as suas necessidades.

Até a sopa ser substituída pelas quentinhas atuais na pandemia, eram atendidas de 200 a 500 pessoas por dia, porque além de tomar no refeitório, os assistidos sempre puderam trazer vasilhames para levar o alimento para casa. 40% do público são homens, 30% mulheres, 30% crianças, então, como se vê, a sopa é para famílias inteiras.

A sopa fraterna do GEB foi inspirada na servida em Uberaba, Minas Gerais, por Francisco Cândido Xavier. Aliás, quando vivia em Uberaba, Rogério Franco, um dia foi visitar a casa de Chico, que após seu desencarne foi transformada em museu. Lá viu fotos do trabalho da sopa e entendeu naquele instante que um dia que era um compromisso também seu colaborar um dia num projeto semelhante.

A sopa do GEB com o passar dos anos, foi ganhando novos ingredientes, principalmente com a ajuda inestimável dos comerciantes da Ceasa, depois dos donos de açougues de Vila Brasilândia e, por fim, com o pão produzido na própria padaria do curso de panificação do GEB. Entre 70 e 80 voluntários alternavam-se no trabalho até a pandemia. Sim, a sopa sempre foi trabalho exclusivo de voluntários, confraternizados com alegria, harmonia e respeito dentro da cozinha da Unidade Dona Aninha. Uma convivência rica, numa comunhão de experiências que alimenta o espírito de todos.

Assistência para toda a família

Era o ano de 2009, Zane, como todos a chamam, estava grávida da quinta filha. Uma gravidez de risco, impossível de conciliar com o serviço de diarista e ela precisava muito trabalhar para sustentar as outras crianças. O marido estava fora. A vida de Zane era naquele momento igual a de muitas outras mulheres de Vila Brasilândia, e ela tomou a iniciativa de ir à unidade Dona Aninha. Sim, o GEB, que fazia parte da história dela há tantos anos. Quantas vezes, desde criança, tomou a sopa fraterna no refeitório e ainda levou para casa...



Graças a Deus, diz Elizene Oliveira Luz, de 43 anos, a Zane, que ela foi ao Batuíra e pediu ajuda. Pediu ▶

e recebeu. Ela foi aceita num dos mais antigos programas de assistência de nossa casa, a Família Assistida. As primeiras 12 famílias começaram a ser visitadas em 1966, recebendo alimentos, roupas e calçados. Atualmente são cerca de 36 que, até o início da pandemia, participavam de um programa que procura cobrir diferentes setores e carências.

Num sábado elas recebem em suas casas os voluntários que integram as Equipes de Visitação. No sábado seguinte, são elas que vêm ao GEB, quando recebem passe, se alimentam, passam por orientação espiritual, assistem palestras de temas pertinentes à realidade como vícios, violência, reaproveitamento alimentar, e claro, conteúdo da Doutrina Espírita.... Para cada membro da família há uma atividade que atende as necessidades físicas, mas que também colabora com o equilíbrio espiritual, a paz interior e estimula o fortalecimento da vontade de empreender o progresso nos diferentes campos da vida. Na saída, recebem uma cesta básica.

Os bebês, quando chegam, até banho muitas vezes tomam. As crianças desenham, expressam seus problemas e seus sonhos. Os adultos externam seus desafios diários, suas dores que, em muitos casos, em vão, são afogados do lado de fora, na droga e no álcool. Marcelo Bidart, um dos coordenadores da área de visitação que participa do programa desde 1994, resume objetivos e sentimentos envolvidos nesse trabalho:

– O programa da Família Assistida é muito mais que uma doação de cestas básicas, até porque a cesta

não vai mudar a vida de cada uma dessas famílias. O que tentamos é ver além da emergência imediata, que é real, e enxergar o que realmente trará benefícios. Ajuda com documentos, trazer para cursos profissionalizantes e assistência com problemas jurídicos. Apostamos sempre nas crianças para que elas sejam o elemento a romper com uma realidade difícil que se arrasta há gerações.

Luís Bruin, um dos coordenadores do atendimento interno, está na Família Assistida há 24 anos. Ele dá voz a um pensamento que inspira muitos voluntários: de que os maiores beneficiários são eles:

– Fazer esse trabalho mudou minha vida, quando é meu sábado de receber as famílias nem preciso colocar o despertador, o meu sábado eu ganho ali. Passamos a enxergar nossos problemas por outro prisma. E para as famílias esse é um trabalho de importância vital. Sabemos que nem todos conseguem alterar a rota, mas muitos voltam depois que saem do programa, onde ficam por até 1 ano, para contar os avanços que fizeram, dos vícios que venceram, das reconciliações que conseguiram fazer com parentes.

Marcelo Bidart também sente o impacto do trabalho em sua vida: – No primeiro dia, tive um choque de realidade e alterou muita coisa em mim. Muda o jeito de você educar os filhos e se relacionar com o próximo. Não me vejo sem esse trabalho. Quando fui à Brasília pela primeira vez e conheci o programa, não tive dúvidas: se eu não puder dar dois sábados do meu mês a pessoas que precisam, que tipo de pessoa sou?

Com a pandemia e a impossibili-

dade dos encontros presenciais, as famílias estão comparecendo uma vez por mês – o 1º sábado – para retirar uma cesta básica atualmente. As equipes também se comunicam com as famílias por WhatsApp, mantendo o vínculo e tentando, à medida do possível, auxiliar na solução de problemas.



Distribuição de cestas durante a pandemia

E sabe a Zane, sobre quem você leu lá no início? Bom, após entrar no programa da Família Assistida, ela decidiu fazer o Curso Básico e o COEEM, Centro de Orientação, Estudo e Educação Mediúnica, participou das reuniões do Desenvolvimento Mediúnico. Tudo na unidade de Vila Brasilândia. A filha que esperava já está com 10 anos, feliz e saudável. Tudo andou para frente na família. O marido e ela reuniram-se outra vez. Uma outra filha fez curso de técnico e auxiliar de enfermagem e agora está fazendo faculdade na mesma área. Zane trabalha como empregada doméstica:

– Tenho imensa gratidão pelo Grupo Espírita Batuíra. O que aprendi aqui mudou minha vida material e espiritualmente, me ajudou a me equilibrar e à minha família. Sou uma pessoa melhor pelo ▶

que aprendi aqui, e vou levar para sempre as amizades que fiz nesta casa. Jamais esquecerei o dia em que fui avisada de que havia sido aceita na Família Assistida – conta Zane.

Em junho e dezembro, a grande festa da solidariedade

Quem vai a uma Distribuição Semestral, em Vila Brasilândia, não esquece jamais. A vibração dos voluntários, o preparo do pão, do café com leite para a chegada das famílias, a alegria dos assistidos ao receberem os donativos que de alguma forma atenuam – ainda que momentaneamente – a dura vida que levam.

É uma alegria compartilhada entre todos, que envolve, claro, o plano espiritual, que rege, como uma orquestra, para que tudo saia perfeito. A Distribuição é feita desde que o GEB foi fundado, em 1964, porque os pioneiros de nossa casa sempre souberam que a fé precisa ter obras. E Brasilândia é um chão fértil de amor e aprendizado para todos, sem a divisão entre os que dão e rece-

bem, porque, na verdade, todos recebemos. E muito.

Duas vezes por ano, os batuirenses se reúnem para a entrega de mantimentos, roupas, calçados, cobertores – na de junho – e brinquedos – na de dezembro. Ao longo do tempo, a organização das distribuições vem se adequando aos progressos que a casa vem fazendo.

Durante décadas, as doações de roupas, sapatos e brinquedos eram armazenadas nas unidades de Perdizes (Doutrinária e Apinajés), separadas de acordo com as informações de cada família, embaladas pelas queridas “fadinhas” e só na véspera da distribuição, transportadas para Brasilândia. Com a construção do novo prédio na unidade dona Aninha, onde antes ficava o barracão, as doações passaram a ser enviadas aos poucos ao longo dos meses e lá guardadas.

A última festa da solidariedade, nesses moldes, foi realizada em dezembro de 2019, antes da pandemia atingir o Brasil e deixar tantas vítimas, inclusive em Vila

Brasilândia. Mas o Grupo Espírita Batuíra nunca cruza os braços, ainda que, em nome da segurança sanitária, precisemos fechar as portas.

Em 2020, as distribuições não tiveram abraços calorosos ou a confraternização no pátio, refeitório ou auditório, mas ninguém ficou de mãos vazias. As famílias cadastradas foram convidadas a entrar separadamente para retirar seus donativos e escolher as roupas mais adequadas, como se estivessem numa loja. Em outubro, no Dia das Crianças, os pequenos receberam brinquedos.

A solidariedade não pode ter pausa, precisa seguir apesar das adversidades, ainda que adaptando-se aos novos tempos. Inspiração de sobra temos nos fundadores do GEB, que desbravaram o chão de Brasilândia movidos pelo compromisso da caridade, e nos homenageados das duas distribuições: Dr. Bezerra de Menezes, na de junho, e Batuíra, na de dezembro.

Uma oportunidade maravilhosa de exercitar o que nos mandou Jesus: amar ao próximo como a nós mesmos. Uma chance de aprender, na prática, a capacidade de se colocar no lugar do outro, e de entender, antes tarde do que nunca, que é dando que se recebe.

Olhar para frente

Sim, é preciso olhar pra frente, e enxergar! Mas está aí algo que nem sempre acontece com muita gente que chega à unidade com problemas de visão. Ainda bem que existe, há 7 anos, o projeto Grau para Todos que já distribuiu 1500 pares de óculos a pessoas de todas as idades. ▶





O Grau para Todos nasceu do olhar carinhoso de Luís Bruin para os frequentadores da casa que até conseguiam consulta com oftalmologista particular e recebiam a indicação de usar óculos, mas não tinham recursos para a compra. Luís, então, lembrou-se de um amigo fabricante de óculos de segurança para uso em atividades profissionais.

– Comecei a recolher doação de armações usadas aos frequentadores do GEB nas Perdizes. Levava essas armações e as receitas para a fábrica do meu amigo, que montava os óculos gratuitamente. Nem sempre eram armações bonitas, modernas, mas pelo menos as pessoas voltavam a enxergar – conta Luís.

Há 4 anos, o projeto passou a contar com a maravilhosa ajuda da fábrica Chilli Beans, depois que uma funcionária da empresa, Luciana Cobra, visitou a unidade Dona Aninha e conheceu o trabalho que Luís fazia. Até a pandemia, eram entregues cerca de 50 pares de óculos por mês, com armações escolhidas pelos futuros donos. Uma beleza!

– É um trabalho que devolve autoestima às pessoas, principalmente os mais velhos que foram perdendo a visão e se distanciando do

mundo. Por outro lado, beneficia crianças e adolescentes, que enfrentavam dificuldades na escola sem saber que a raiz do problema estava no problema de visão – explica o idealizador do projeto.

O futuro começa hoje

Não podemos perder o futuro de vista, mas somos conscientes de que ele começa a ser desenhado com as experiências de ontem e hoje. Por isso, é fundamental dedicar especial atenção às crianças. São elas que poderão mudar a história de dificuldades vividas há gerações por suas famílias.

É esse perfume da esperança que toma conta das aulas do Curso de Orientação Maternal, criado com este nome em 1974, embora se saiba que, antes até, Dona Aninha colocava em prática não só aulas para ensinar as futuras mães a cuidar dos filhos, como também providenciava enxoval.

Ao longo dos anos, percebeu-se o a mudança do público que busca o curso e os enxovais, com o número crescente de adolescentes tornando-se mães. Criou-se o “Vou ser mãe”, direcionado a elas, adaptado a essa realidade, ajudando essas meninas a resgatar a autoestima e a pensar no futuro, mantendo-se na escola. A coordenadora Mara Colloca explica que o trabalho oferecido no Grupo Espírita Batuíra é também um aprendizado constante para as voluntárias que nele atuam, dando a oportunidade de tornarem-se também melhores mães e mulheres!

– O Curso de Orientação Maternal é um trabalho de acolhimento às gestantes, de compreensão do momento que vivenciam e também da responsabilidade das

mães junto aos bebês que estão chegando. É desenvolvido por voluntárias numa Casa que é referência em meio a tanta necessidade, oferecendo orientações sobre os cuidados com o bebê, educação dos filhos e planejamento familiar – diz Mara.



Em função da pandemia, os encontros presenciais que aconteciam à tarde na Unidade Dona Aninha foram interrompidos, mas a ajuda não deixa de ser dada às mães que precisam:

– Após o preenchimento de uma ficha e uma pequena entrevista, um enxoval é entregue. Ele contém roupinhas novas, fraldas e kit de higiene comprados pelo GEB acrescido de doações como pomadas, sabonetes, peças em lã, mantas etc.

Após o primeiro semestre de vida do bebê, o GEB fornece leite em pó, complementando a alimentação dos bebês durante dois meses. E assim vamos ajudando nesse “desembarque” dos pequeninos em nosso planeta para novas experiências, novos aprendizados, porque como bem disse o querido Francisco Cândido Xavier: “Ninguém pode voltar atrás e fazer um novo começo. Mas qualquer um pode recomeçar e fazer um novo fim.” ■

Estudo

Simone Queiroz
queirozsimone@hotmail.com

Em Brasilândia, também se oferece o pão espiritual

Dona Aninha é uma unidade assistencial não só do ponto de vista material. O pão espiritual também é oferecido fartamente nas mais diferentes atividades doutrinárias desenvolvidas aqui. E o interesse pelo aprendizado dos preceitos espíritas é crescente nas palestras públicas de domingo e quinta-feira, Fluidoterapia, Desenvolvimento Mediúnico, Curso Básico, COEEM, na Escola de Moral Cristã, UTE (Unidade Terapêutica Espiritual) e no estudo de obras da Codificação. Outro dado indicativo vem da Biblioteca da unidade, que até o início da pandemia emprestava em média 300 livros por mês.



Primeira turma do Curso Básico, em 1995

Tânia Cavalcanti, assessora de Doutrina da Unidade Dona Aninha, afirma que há muita gente interessada em adquirir a base da doutrina:

– Quando Brasilândia abrigou as palestras do Ciclo de Palestras Espíritas foi um sucesso de público, o que demonstrou o crescimento do interesse no estudo dos preceitos teóricos. Sempre cultivamos o hábito de, nas reuniões, fazermos irradiações de modo que todos se beneficiem fluidicamente – explica Tânia.

Ele lembra que, no início de algumas atividades, os monitores eram de fora de Vila Brasilândia, mas hoje todos os que trabalham

no COEEM, por exemplo, são da região. São pessoas que, anteriormente, fizeram os cursos ou participaram dos grupos de estudo, e depois foram destacadas para passar adiante os ensinamentos. Ou seja, hoje são replicadores da Doutrina Espírita.



Frequentadores do Coeem

Das atividades doutrinárias, a primeira a se estabelecer na unidade foi a Educação Espírita Infanto-Juvenil, em 1972, sob coordenação de Dona Wanda do Nascimento Santos. Atualmente as coordenadoras são Moema H. Melani, Sylvana M. Fioretti e Maria Fernanda C. Almeida.

A união está presente em todos os trabalhos, cujo reconhecimento dos efeitos benéficos do estudo, da prece, do passe é patente, mesmo sem serem presenciais neste momento. Esse efeito é mais notado no atendimento da UTE, Unidade Terapêutica Espiritual, feito às quartas-feiras e sábados. Trata-se de um serviço de orientação fraterna associado ao trabalho mediúnico. Os atendidos recebem ainda tratamento com passes magnéticos. Como se vê, o socorro chega em várias frentes.

Entre 1998 e 2019, antes da pandemia, UTE em Vila Brasilândia registrou 6.440 atendimentos.

O coordenador da UTE é o Dr. Ricardo Pastori, que conversou com o Batuíra Jornal:

Qual a importância da UTE numa região como Vila Brasilândia, ainda mais depois da pandemia?

Entendo que esse atendimento em Vila Brasilândia, oferecido pelo GEB, ao olhar o homem pelo prisma da imortalidade, é importante agente facilitador na busca pela saúde integral. Mais evidente se torna a necessidade de apoio e acolhimento das pessoas nesta crise e mesmo no pós-pandemia, ajudando as pessoas na harmonização de suas forças vitais, emocionais e espirituais.

Pode citar um caso que o marcou?

O que mais me impressionou nestes anos todos de acolhimento de pessoas, nas mais diversas situações de vida e problemas, não foi um caso específico, mas o processo terapêutico refletindo resultados, quando aquele que sofre adere aos princípios renovadores dos ensinamentos de Jesus, com a luz benfazeja dos recursos curativos baseados nos postulados espíritas.

Que papel tem esse trabalho na sua vida? O que mudou na forma de pensar e olhar os pacientes?

Este trabalho nos oferece oportunidade de contribuir na obra da criação, nos ensinando a servir, a aprender sempre e também a tratar as nossas próprias enfermidades da alma.

Trouxe-nos um olhar para o indivíduo no seu aspecto biopsicossocial e espiritual e o entendimento de que a assistência fraterna na casa espírita é mais eficiente quando desenvolvida em equipe e de uma forma multi e interdisciplinar. ■

Estudo

Rita Cirne
ritacirne@hotmail.com

Uma casa onde todos aprendem

Há 20 anos, a direção do Grupo Espírita Batuíra percebeu que podia dar novos passos na missão de criar oportunidades para quem busca mudar de vida, mas tem como barreira a falta de uma formação profissional. Por isso, não mediu esforços para abrir uma nova frente de trabalho na Unidade Assistencial Dona Aninha: oferecer cursos profissionalizantes gratuitos. Para que isso se transformasse em realidade, contou com a doação de materiais, trabalho voluntário e a parceria do Senai para os cursos de Panificação, Confeitaria e Costura, e da empresa Green para o curso de Informática Básica.

Com turmas que têm, em média, 18 alunos e duram de 40 dias a três meses, esses cursos já formaram, até 2019 – já que tiveram que ser interrompidos no ano passado em função da pandemia – 891 alunos em panificação, 551 em informática e 539 costureiras. No período de 2010 a 2019, o GEB fez também uma parceria com o Senac, e nesse período formou 500 alunos em cursos preparatórios para o mercado de trabalho. Em 2020, o GEB ia começar um curso de limpeza industrial e hospitalar que também foi suspenso, temporariamente, diante da necessidade de distanciamento social em função da pandemia. Todos os cursos aguardam a volta das aulas presenciais. De acordo com Sylvia Bruin, diretora-adjunta de Orientação e Formação da Unidade Dona Aninha, os alunos chegam ao GEB depois de terem tido contato com alguém que frequentou algum desses cursos e está trabalhando.

– Essa é a motivação de todos: encontrar trabalho. Mas ainda é pequeno o número de alunos que conseguem um emprego formal, pois o mercado de trabalho não é acolhedor. No caso da costura, por exemplo, muitas alunas se adaptam na informalidade, trabalhando em casa ou nas oficinas das redondezas que não registram os seus funcionários. No caso da panificação, alguns vão para padarias grandes, mas tem muita gente também que fica fazendo pão ou bolo de pote na própria casa e vendendo para a vizinhança, explica.

Já os cursos de Informática buscam, segundo ela, dar base para que o aluno consiga se inserir no mercado de trabalho, já que conhecimento do mundo digital

é hoje uma necessidade para inúmeras atividades. Sylvia destaca que, nesse caso, o curso é dirigido aos jovens e é uma preparação para a vida.



– Embora estejamos numa casa espírita, acolhemos todos que procuram os cursos, independentemente da religião. Mas temos o cuidado de dar o exemplo, de modo que entendam que a Doutrina Espírita é vida. Ela está na forma como se trata o semelhante. Muitas pessoas chegam aqui com medo do que vão encontrar porque receberam informações erradas sobre a Doutrina e, no entanto, encontram acolhimento em nossos cursos. Temos a prece, lanches gratuitos. Procuramos exemplificar o amor e a caridade. Assim, muitos alunos acabam querendo colaborar com a casa e se interessam em frequentar os cursos doutrinários, informa.

A costureira Sueli Ribeiro de Oliveira, que fez os primeiros cursos de costura e modelagem na Unidade Dona Aninha há sete anos, conta que conseguiu montar em sua casa uma oficina de costura com máquinas reta, de overloque e de acabamento em malhas.

– Eu morava perto do GEB e não tinha condições de pagar por uma formação. Frequentei todos os cursos que eles ofereceram de costura e modelagem e me tornei uma profissional. Hoje faço qualquer tipo de roupa e tenho minha própria renda, mas aprendi outras coisas lá. Aprendi com eles a me preocupar com o próximo. Hoje faço máscaras para doação não só para o GEB, mas também para a igreja que eu frequento, enfatiza. ▶



Já Roberto Tadeu Pereira, que fez o curso de Panificação há 15 anos, gostou tanto e se preparou com tanto afinco que passou de aluno a professor. Há dez anos é o responsável pelas aulas desse curso no GEB. Segundo ele, sua vida mudou desde que frequentou o curso na Unidade Dona Aninha e depois se aprimorou fazendo mais nove cursos no Senai através de um convênio com o Grupo Espírita Batuíra. Hoje, ele dá aulas de panificação, salgados, confeitaria e bolos caseiros.

– Estamos abertos para aqueles que nos procuram. São 18 alunos por turma em cada modalidade. Atendemos tanto os alunos inexperientes que sonham em ter uma profissão, como os que já têm algum conhecimento e buscam um aprimoramento, explica.

Semeando o amanhã

Em 2019, o olhar do Grupo Espírita Batuíra se voltou para os pequenos. Com a proposta de promover o fortalecimento de vínculos, surgiu o Brasa Mais. Voltado para as de 4 a 6 anos, o projeto oferece para as crianças que saem da creche múltiplas atividades, como yoga, meditação, atividades esportivas, artísticas, horta, jardinagem, etc.

A pedagoga Ana Célia Mustafá Campos, que é coordenadora voluntária do Brasa Mais, comenta:

– A ideia é transformar a vida da criança através do aprendizado e do amor. Buscamos desenvolver a independência, a autonomia e o encantamento por aprender, mas de forma agradável e lúdica. O espaço físico que elas ocupam é diferente, com rede, pufes, almofadas, televisão, computador, explica Ana Celia.

Segundo Ana, no início em 2020, as atividades diárias duravam quatro horas e meia para 19 crianças. Mas com a necessidade do distanciamento social tudo foi transferido para vídeo, via aplicativo, e oferecidas cestas básicas às famílias. A expectativa é de que o projeto cresça mais com o controle da pandemia e possa atender 60 crianças em 2022. ■



EXPEDIENTE

Um órgão do **Grupo Espírita Batuíra**

site: www.geb.org.br
E-mail: geb.batuiara@terra.com.br

UNIDADE DOCTRINÁRIA SPARTACO GHILARDI
Rua Caiubi, 1306 – Perdizes
05010-000 – São Paulo – SP

UNIDADE ASSISTENCIAL DONA ANINHA
Rua Jorge Pires Ramalho, 34
Vila Brasilândia – 02846-190 – São Paulo – SP

CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL BATUÍRA
Rua Jorge Pires Ramalho, 70
Vila Brasilândia – 02846-190 – São Paulo – SP

LAR TRANSITÓRIO BATUÍRA
Rua Maria José, 311 / 313 – Bela Vista
01324-010 – São Paulo – SP

ESPAÇO APINAJÉS
Rua Apinajés, 591 – Perdizes
05017-000 – São Paulo – SP

Conselho de Administração
Pres.: Douglas Musset Bellini
Membros:
Iraci Maria Padrão Branchini
Jailton da Silva
Marco Antonio Pereira dos Santos
Ricardo Silva Pastori

Conselho Fiscal
Pres.: Robson Ferreira
Membros:
Thatiana Ghenis Viana
Fernando Santin
Suplentes:
Roberto Garcia Filho,
Luiz Fuchs
Daniel Branchini

Diretoria Executiva
Pres.: Ronaldo Martins Lopes
1º Vice-Pres.: Geraldo R. da Silva
2º Vice-Pres.: Luiz Garcia de Mello
1º Secr.: Marly Ribeiro Barbosa Rubio
2º Secr.: Simone Queiroz M.C. Nieto
1º Tes.: Cláudio Luiz de Florio
2º Tes.: Jorge Chrypko
3º Tes.: Francisco Colloca
Diretor Jurídico: Tufi Jubran
Diretor Ass. à Saúde: Eduardo Barato
Diretora da Creche/CEI: Sonia Judite Lopes
Comunicação: J.C. Zaninotti

Editor-chefe
José Carlos Zaninotti
diretor.comunicacao.rp@geb.org.br

Editora-executiva
Simone Queiroz
queirozsimone@hotmail.com

Jornalista responsável
José Carlos Zaninotti - MTB 665 - DF
diretor.comunicacao.rp@geb.org.br

Colaboraram nesta edição
José Carlos Zaninotti
Simone Queiroz
Rita Cirne
Ruy Gatto

Revisão
Ana Carolina Noronha

Editoração
Ezequias Tomé da Silva

Impressão
Gráfica AGM – Tiragem 800 exemplares
Fone: (11) 3208-2170

BATUÍRA JORNAL é uma publicação bimestral. Excepcionalmente, em função da pandemia do novo coronavírus, este número está apenas na versão digital e reúne os meses de abril, maio e junho. É permitida a reprodução total ou parcial das matérias e fotos aqui publicadas desde que mencionada a fonte.

Evento online

José Carlos Zaninotti
 diretor.comunicacao.rp@geb.org.br

Celebração pela internet

Queríamos estar todos juntos presencialmente no dia 25 de abril na Unidade Assistencial Dona Aninha, em Vila Brasilândia, para comemorar 50 anos de vida, como sempre fazíamos. Nessa data alegre, sempre houve cumprimentos, abraços e sorrisos. Desta vez, no entanto, a festividade teve de ser virtual, em razão das restrições sanitárias do momento em que vivemos. Mas nem por isso foi menos prazerosa ou emocionante. A transmissão de uma *live* pelo canal do GEB da internet realizada na manhã da véspera do dia 25 reviveu sentimentos guardados em nossa memória afetiva. Conduzida pelos diretores do GEB, José Carlos Zaninotti e Simone Queiroz, a *live* reuniu Ronaldo Lopes e Sonia Lopes, ele presidente do GEB e ela diretora do Centro de Educação Infantil da Brasilândia; Geraldo Ribeiro, primeiro vice-presidente, Luiz Mello, segundo vice-presidente e diretor da Unidade Dona Aninha, Cláudio Luiz de Florio, primeiro tesoureiro e Tânia Cavalcante, assessora doutrinária daquela unidade. No apoio da transmissão estiveram Elias de Souza Neto, diretor adjunto da unidade da Caiuby e Jorge Crypko, segundo tesoureiro e ambos membros da comissão de TI da Casa.

A prece inicial foi feita por Sonia Lopes, diretora do Centro de Educação Infantil da Brasilândia. As entrevistas, permeadas pela exibição de imagens do passado e atuais, retrataram a história do cinquentenário da Unidade desde o seu princípio. Claudio Luiz de Florio, que participou da comissão de marketing da construção criada à época, sob a liderança de Douglas Bellini, contou como conseguiram recursos financeiros com a venda de um terreno em Atibaia, doado por um benemérito.

Luiz Mello, diretor atual da Unidade, com riqueza de detalhes, narrou o intenso trabalho realizado desde a sua inauguração até os dias de hoje e a adaptação do atendimento aos novos tempos, em razão da pandemia, para dar continuidade ao acolhimento dos assistidos, principalmente transformando a sopa diária em uma marmitta fraterna e a distribuição mensal de centenas de cestas básicas à população carente do bairro.

Coube ao diretor de doutrina Geraldo Ribeiro falar sobre o alimento da alma que o GEB proporciona aos seus assistidos, pois ao lado atendimento assistencial, a atividade doutrinária sempre esteve presente em Brasilândia.

Ronaldo Lopes, presidente do GEB, por sua vez, nos con-

duziu a uma viagem no tempo tendo como veículo o pensamento e fazendo um verdadeiro exercício de memória. Lembrou-nos dos bravos pioneiros, a começar pelo casal Spartaco e Zita Ghilardi, precursores que construíram a história da unidade da Vila Brasilândia, que continua ser um verdadeiro farol a iluminar vidas.

Emoção redobrada

Os destaques emotivos da *live* ficaram por conta dos vários depoimentos gravados por pioneiros, voluntários e alguns assistidos. A declaração de amor de Hermenegildo Pastori, que estava no vídeo acompanhado de sua esposa Dinorah, fundador e trabalhador em várias funções na unidade doutrinária, provocou lágrimas dos internautas.

A advogada Maristela Ferreira, moradora da Vila Brasilândia e voluntária do atendimento jurídico da casa, ex-assistida do programa Família Assistida, contou que GEB mudou a sua vida, ao proporcionar a ela e a sua família não só a assistência material, mas a espiritual e moral. Sabrina Cristina Ferreira, 29 anos, mãe de quatro filhos, frequentou a creche quando criança e hoje tem os seus trigêmeos ali matriculados e recebendo os mesmos cuidados que ela teve, com atendimento médico e dentista. Ela revela “amo o Batuíra, pois as professoras e a diretora continuam, até hoje, a nos tratar com o maior carinho”.

Surpresas

Luiz Mello prestou uma merecida homenagem ao pioneiro e desbravador Douglas Bellini, impossibilitado de estar presente e de gravar um depoimento para a *live*, em razão de recuperação de sua saúde. Foi também lançado o logotipo da Unidade, que é um farol estilizado a clarear o bairro com a frase: iluminando vidas há 50 anos. Antes de encerrar o programa, foi exibido um vídeo, preparado por Perla Gonzalez e Cassiano Passos, de forma voluntária, para a ocasião, que fez um passeio pelo cinquentenário da história da Unidade Dona Aninha, mostrando, em imagens, como a casa está a todo vapor, mesmo respeitando as restrições sanitárias. A prece de encerramento foi feita com muita sensibilidade por Tânia Cavalcante, assessora de doutrina da Brasilândia. E não faltou, claro, o bolo final de aniversário.

Serviço: A gravação da *live* se encontra no site **geb.org.br** na aba Palestra ao Vivo # GEB na Web. Até o fechamento desta edição, o vídeo já somava mais de mil visualizações. ■

